

Trabalho de Graduação do
Curso de Graduação em Geografia

EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E O USO DA LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA

Inaê Caroline Duarte Ferreira

Prof(a). Dr(a). Diego Corrêa Maia

Rio Claro (SP)

2023

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Instituto de Geociências e Ciências Exatas

Câmpus de Rio Claro

INAÊ CAROLINE DUARTE FERREIRA

EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E O USO DA LINGUAGEM
CINEMATOGRAFICA

Trabalho de Graduação apresentado ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas - Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, para obtenção do grau de Licenciatura em Geografia.

Rio Claro (SP)

2023

F383e

Ferreira, Inaê Caroline Duarte

Educação geográfica e o uso da linguagem
cinematográfica / Inaê Caroline Duarte Ferreira. -- Rio
Claro, 2023
34 p.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura -
Geografia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro
Orientador: Diego Correa Maia

1. Cinema. 2. Didática em geografia. 3.
Ensino-aprendizagem. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do
Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro. Dados fornecidos pelo
autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

INAÊ CAROLINE DUARTE FERREIRA

EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E O USO DA LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA

Trabalho de Graduação apresentado ao Instituto de
Geociências e Ciências Exatas - Câmpus de Rio
Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho, para obtenção do grau de
Licenciatura em Geografia.

Comissão Examinadora

Diego Correa Maia (orientador)

Andréia Medinilha Pancher

Mariane Permanhani

Rio Claro, 06 de dezembro de 2023.

Assinatura do(a) aluno(a)

Assinatura do(a) orientador(a)

Dedico esta monografia à minha amiga,
Gabrielly Martins (*in memoriam*), que agora
escreve histórias extraordinárias no céu.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Irene, que me mostrou que a educação pode transformar vidas. Obrigada por sempre apoiar minhas escolhas, sem o seu apoio não teria chegado aqui. Além de expressar minha gratidão à minha mãe, quero estender meus agradecimentos a outros membros da minha família, incluindo meu pai Hércio, meu irmão Cauê, minha cachorra Vida, minha prima Ingrid, meu tio Naldo, e minha avó Maria Alice. Cada um de vocês desempenhou um papel essencial em minha formação, sendo os pilares que sustentaram minha jornada acadêmica. Obrigada por contribuírem significativamente para a minha trajetória educacional.

Àqueles que me acompanharam nesses longos cinco anos de graduação. Deixo aqui registrado os mais singelos agradecimentos aos meus companheiros de turma, Lucas Oliveira, Fernanda Dellaquila, João Mosna e Vitoria Paixão. Vocês acreditaram em mim quando nem mesmo eu acreditava. Obrigada por fazerem todos os momentos que passei com vocês, dentro e fora da UNESP, únicos, por mais simples que eles tenham sido. E, acima de tudo, obrigada por despertarem a parte mais bonita do meu coração.

À minha segunda família, Maria Fernanda, Gabriel Gimenes e Kauane Santana. Estes possuem grande parcela de contribuição na minha graduação, na minha história e na construção da mulher que sou hoje, saibam que serei eternamente grata por isso. Entre os citados, gostaria de deixar um agradecimento especial à Kauane, toda vez que eu me sentia perdida, você foi luz.

Em seguida, agradeço as minhas grandes amigas Andriely Oliveira, Larissa Urquia e Pilar Machado. Obrigada pelas trocas de áudios, pelas mensagens e todos os desabafos ao decorrer da minha graduação, mesmo não estando por perto, vocês me salvaram em diversos momentos. Agradeço também à Isabelle, Rafaela, Alicia, Gabriel, Pedro, entre outros, que me acompanharam nessa jornada louca que é viver em outra cidade, longe da minha família e de tudo que conhecia, vocês foram, de diferentes formas, um lugar seguro, uma casa.

Para mais, nem todas as pessoas que gostaria de agradecer ainda estão presentes em vida, como é o caso do meu irmão Felipe Duarte, e a minha amiga Gabrielly Martins. Contudo, ambas essas figuras foram essenciais em todos os aspectos, seja de formação ou evolução, da minha vida. Obrigada Felipe, você, por muitas vezes, foi meu irmão e meu melhor amigo, hoje entendo que, após passar tanto tempo admirando as estrelas, acabou se tornando uma. E a Gaby, agradeço por tanto, principalmente por ter sido o grande amor da

minha vida, não no quesito romântico, mas sim, no de almas. Acredito que o motivo de termos nos encontrado foi para te amar até o fim e além dele. Vocês se tornaram a minha memória inconsolável; desta forma, para vocês, agradeço tudo o que sou e tudo o que um dia serei.

Aos os professores do curso, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento deste trabalho, o qual foi essencial para minha formação pessoal e profissional. Agradeço especialmente à Maria Bernadete, Áurea Costa, Andréia Medinilha e José Gilberto, vocês abriram caminhos que eu jamais imaginaria atravessar. Agradeço principalmente, meu orientador, Diego Maia, que teve a paciência de me escutar e encorajar durante esses meses, contribuindo assim com ideias para que esse trabalho fosse feito. Além disso, agradeço à todos os alunos e professores do Curso Popular “Metamorfose”, sendo um deles a minha querida amiga, Mariane Permanhani, conhecida como Sol, que, por meio de palavras, versos e poesia, me inspirou a sempre tirar o melhor de cada situação.

Encerro dizendo que a Geografia, para além de uma ciência, pode ser observada enquanto afeto em sua essência mais pura, por isso obrigada a todos, todas e todes aqueles que abriram as portas de suas vidas, me dando assim a oportunidade de viver experiências tão transformadoras.

“... se a geografia está em toda parte, o cinema também está...” (Name, 2008, p. 250).

Leonardo Name.

RESUMO

O presente estudo teve o intuito de evidenciar o cinema como componente curricular analisando a sua importância enquanto dispositivo didático no ensino de Geografia, tendo como aporte metodológico buscar subsídios teóricos em acervos como *Google Acadêmico* e *Scielo*. Nesse contexto, a pesquisa tem como propósito destacar a interconexão intrínseca entre cultura, cinema e educação geográfica, enfatizando a significativa aplicabilidade desses elementos como recursos educacionais valiosos na exploração de conceitos geográficos em sala de aula, por meio de ferramentas audiovisuais. Destaca-se, assim, a relevância fundamental dessa abordagem e sua crucial importância diante da banalização enfrentada pelo cinema como instrumento didático no ambiente escolar. Além disso, a pesquisa procura ultrapassar a simples análise dos vínculos entre cinema e Geografia; ela apresenta uma perspectiva que não apenas explora essa relação, mas também visa fomentar a democratização do acesso, promovendo a ampliação da diversidade e contribuindo para o desenvolvimento da autonomia crítica dos alunos, com um foco especial na valorização do cinema nacional.

Palavras-chave: Cinema; didática em geografia; ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

The present study aimed to highlight cinema as a curricular component by analyzing its importance as a didactic device in the teaching of Geography, with the methodological contribution being to seek theoretical support in collections such as Google Scholar and Scielo. In this context, the research aims to highlight the intrinsic interconnection between culture, cinema and geographic education, emphasizing the significant applicability of these elements as valuable educational resources in the exploration of geographic concepts in the classroom, through audiovisual tools. This highlights the fundamental relevance of this approach and its crucial importance given the trivialization faced by cinema as a teaching tool in the school environment. Furthermore, the research seeks to go beyond the simple analysis of the links between cinema and Geography; it presents a perspective that not only explores this relationship, but also aims to encourage the democratization of access, promoting the expansion of diversity and contributing to the development of students' critical autonomy, with a special focus on valuing national cinema.

Keywords: Cinema; didactics in geography; teaching-learning.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. CONTEXTUALIZAÇÃO DAS ABORDAGENS SOCIOCULTURAIS NA HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO.....	13
3. GEOGRAFIA CULTURAL.....	14
3.1. A RELAÇÃO SUJEITO E CULTURA NO AMBIENTE ESCOLAR.....	15
4. AS NOVAS TECNOLOGIAS E AS DIFERENTES LINGUAGENS NO ENSINO DE GEOGRAFIA.....	18
5. CINEMA E CONHECIMENTO GEOGRÁFICO E EDUCACIONAL.....	20
6. A RELAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA EM CONTRAPOSTO AOS CONTEÚDOS COM AS LINGUAGENS E A MEDIAÇÃO DO PROFESSOR.....	22
6.1. ELABORAÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM ENFOQUE NA ANÁLISE DO FILME “MEDIDA PROVISÓRIA” (2020).....	24
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
8. BIBLIOGRAFIA.....	28

1. INTRODUÇÃO

Durante a metade do século XX, com o advento da globalização, houve uma profunda mudança em diversos setores mundiais, sendo eles o da tecnologia e, por conseguinte, o da informação, que acabaram corroborando para uma nova forma de se analisar a economia e a cultura dentro do espaço geográfico. Assim, inicia-se um período denominado por Milton Santos como “meio técnico-científico-informacional”. Neste período, os objetos técnicos são simultaneamente técnicos e informacionais, pois são produzidos com alta intencionalidade e carregam informação desde o início. Eles operam principalmente com base em informação. Evidencia-se, que nos dias atuais, não estamos mais lidando com um meio técnico convencional, mas sim com a criação de um novo ambiente, o do "meio técnico-científico-informacional" (SANTOS, 2006).

Isso fez com que ocorressem aproximações culturais, além de dar suporte e condição para as relações globais, que ocasionaram na disseminação de diferentes tipos de conteúdos, à exemplo do cinema que, ao se consolidar no mesmo período, acaba criando uma nova linguagem, a linguagem audiovisual, ampliando assim a discussão em torno de questões nos campos culturais e sociais (HINGST, 2016). Esses dois fenômenos apresentam infinitas possibilidades de comunicação geradas pela reprodutibilidade, fornecendo também perspectivas ilimitadas de democratização e de comunicação que permitem conquistar para a arte o sentido coletivo (SIMÕES, C., C. A. N., CAMEIRA, P. E., & MELO, A., 2016). Desta forma, o cinema dentro deste contexto, segundo Benjamin (1936), pode ser analisado como uma nova era no mundo das artes.

A partir disso, na esfera da educação, é preciso levar em consideração que as informações acabam sendo disseminadas de maneira veloz, dada a fase atual da sociedade globalizada, por meio de veículos como televisão, cinema, rádio, vídeo e computador. Isso implica que o trabalho pedagógico do professor, para enriquecer-se, deve incorporar todos esses recursos na produção de conhecimento, facilitando assim a compreensão do mundo em que o aluno está inserido (PONTUSCHKA, N. N.; PAGABELLI, T. L.; CACETE, N. H., 2009).

Toda esta questão está circundando a esfera da geografia escolar e todo o processo de ensino-aprendizagem e didática presentes na educação de crianças, jovens e adultos, apresentando-se no ato do professor ao ensinar a compreender e interpretar o mundo e as coisas, por meio do cinema, levando em consideração que o filme pode ser caracterizado como uma testemunha da história.

Nessa perspectiva, este estudo permitiu realizar e direcionar uma reflexão acerca dos principais elos estabelecidos a partir da relação, cultura, cinema e educação geográfica, apontando os desdobramentos, que se encontram diretamente atrelados à realidade e construção do aluno enquanto sujeito sócio-cultural no ambiente escolar. Para sua efetivação, a produção foi desenvolvida em duas partes. A primeira teve um caráter de contextualização, visando apresentar o uso das abordagens socioculturais na história do pensamento geográfico, onde, no início, se tem a urgência de relatar e descrever apenas os aspectos físicos de uma paisagem, logo, não levando em consideração o social e cultural.

À vista disso, se tem a continuidade por meio da explicação da importância da geografia cultural e como a mesma foi conquistando um espaço no estudo dos fenômenos de uma organização social, expandindo assim as perspectivas culturais fundamentais para os estudos geográficos. Desta forma, evidenciando a possibilidade e importância de compreender a relação sujeito e cultura. E é no ambiente escolar que essa relação pode ser observada de forma concreta, tendo em vista que a escola é formada por agentes culturais sejam eles professores, alunos e funcionários, os quais possuem uma ampla vivência formativa, em que educar e cuidar se torna algo coletivo.

A segunda parte foi fundamentada a partir do reconhecimento e da aplicabilidade do cinema e suas tecnologias, enquanto ferramenta pedagógica no ensino de geografia. Isto foi descrito por meio da elaboração de uma sequência didática que visou explicar o uso deste dispositivo como aporte metodológico e como o mesmo foi inserido dentro da temática da aula apresentada. Para questão da valorização da cultura, procurando fugir do padrão norte americano e europeu, que, em sua maioria, não condiz com a realidade de muitos dos indivíduos que estão dentro da escola, se torna necessário o uso do cinema nacional como forma de potencializar a representatividade, além de oportunizar a democratização do acesso. Para mais, é preciso ter em mente que o filme pode ser caracterizado como vestígio da história seja ela em nível regional, nacional e/ou global, assim, entende-se que uma das formas de se trabalhar com este recurso é na educação geográfica.

Diante desse contexto, a metodologia empregada neste estudo abarcou um levantamento bibliográfico que se valeu de subsídios teóricos provenientes de fontes como o *Google Acadêmico* e *SciELO*. Esta abordagem abrangeu a análise de artigos, a leitura de livros e a consulta de legislações relevantes, caracterizando-se, desse modo, como uma pesquisa bibliográfica. O intuito foi explorar e analisar as contribuições culturais ou científicas prévias acerca do tema, conforme preconizado por Garcia (2019). Dessa maneira, o objetivo deste trabalho é evidenciar a conexão intrínseca entre cultura, cinema e educação geográfica,

ressaltando a efetividade desses elementos como ferramentas educacionais na exploração de conceitos geográficos em sala de aula por meio de recurso audiovisual. Essa abordagem é crucial dada a banalização enfrentada pelo cinema como recurso didático, destacando como sua aplicabilidade pode ajudar a superar preconceitos, potencializando seu papel pedagógico e enriquecendo a experiência de aprendizado dos alunos, promovendo, assim, a valorização do patrimônio cinematográfico nacional.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DAS ABORDAGENS SOCIOCULTURAIS NA HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO

A descrição da terra e de seus atributos, herança histórica da Geografia Tradicional, é passível de observação tanto no ambiente acadêmico quanto na Geografia escolar sem uma análise crítica e com profundidade social (CRUZ, 2018). Apesar de ter sido um instrumento primordial para o desenvolvimento epistemológico desta ciência e, atualmente, ser uma habilidade constantemente desenvolvida pelos estudantes da educação básica no cotidiano escolar (CRUZ, 2018), a concepção de construir um campo de conhecimento com a finalidade de descrever os grupos humanos e seus lugares deveria ser trabalhada de uma forma que, para além da técnica, pudesse criar uma ligação entre aspectos naturais e sociais da temática que será estudada.

Sendo assim, o campo da Geografia Humana teve o seu desenvolvimento durante o século XIX, quando as questões acerca das diferenciações culturais e das tradições populares (BENATTI, 2016) se tornaram alvos de um estudo mais aprofundado. Antes disso, durante o que viria a ser a geografia tradicional, os métodos científicos desenvolvidos por meio da observação, da descrição e da classificação dos fatos eram tidos como algo restritivo aos aspectos visíveis e mensuráveis do espaço, algo exclusivamente designado a descrição das paisagens naturais e humanizadas sem estabelecer devidas relações (CRUZ, 2018). Como aponta Schier (2003) a paisagem merece maior atenção em termos de avaliação ambiental e estética, sendo fortemente influenciada pela cultura das pessoas que a observam e modificam. Ela representa um produto cultural moldado pela interação entre o meio ambiente e a atividade humana.

Em resumo, a geografia tradicional enfoca principalmente a observação e descrição de características geográficas, com limitações na análise das relações e processos subjacentes. A evolução da ciência geográfica durante os séculos teve o intuito de superar essas limitações, adotando abordagens mais abrangentes e científicas que tinham como alicerce uma ampla gama de fatores, interações e dinâmicas geográficas. Desta forma, diferente do

tradicionalismo citado acima, para os geógrafos humanistas houve uma certa preocupação com a dimensão afetiva em meio ao vivido/existencial (FERNANDES, 2013). Por meio disso, evidencia-se que o estudo da geografia humana não é a “distribuição espacial dos fatos sociais, mas a maneira como as pessoas vivem nos lugares onde residem ou os que visitam, deles extraindo uma experiência.” (CLAVAL, 2011, p. 46).

A partir disso, urge a necessidade da contextualização das abordagens socioculturais na história do pensamento geográfico, levando a mesma como um dos princípios para o entendimento de algumas vertentes desta ciência, como a Geografia Cultural, qual elucida o caminho percorrido pela questão cultural para o alcance de maior compreensão e visibilidade. Conforme observa Ribas e Moura (2006, p. 130) a abordagem sociocultural enfatiza que o desenvolvimento humano é mediado por práticas culturais, destacando o uso de diversas formas de mediação dentro dos grupos sociais. Logo, a cultura desempenha um papel fundamental na influência do comportamento humano em relação ao ambiente.

Deste modo, qualquer atividade humana realizada em uma comunidade irá apresentar uma realidade sociocultural constituída por elementos diferentes entre si, como: etnia, tradições populares, língua, salientando a relação intrínseca entre o espaço, o social e a cultura, isto é, o ato de descrever é importante para geografia quando está interligado com as condições sociais e culturais presentes no espaço. Esses são pilares constitutivos para o ensino geográfico.

3. GEOGRAFIA CULTURAL

Segundo Paul Claval (2002, p. 19) “[...] o papel da geografia cultural na atualidade é mais importante do que no passado [...]”, por meio desta afirmação, se torna possível entender que, na sociedade contemporânea, o papel da cultura, tem se tornado cada vez mais importante para o entendimento da relação entre espaço-sociedade numa perspectiva geográfica.

Mas, quando o papel da geografia cultural se tornou tão importante? De acordo com Antunes (2018, p. 27):

Corrêa & Rosendahl (2003), citando Claval (1999), indicam dois grandes períodos do desenvolvimento da Geografia Cultural: o primeiro compreendendo desde a institucionalização da Geografia como disciplina no século XIX até a década de 1970 e o segundo a partir desta data, sendo entendido como um período de renovação. (ANTUNES, 2018, p. 27).

Assim, pode ser observada a existência de dois polos aos quais seus períodos históricos orientam o modo de produção e entendimento da geografia cultural. Em um polo se

tem os geógrafos do final do século XIX até os anos 1950, onde o enfoque do estudo era por meio de uma geografia positivista ou naturalista, havendo um predomínio dos aspectos materiais como técnicas, paisagens e gêneros de vida (ANTUNES, 2018, p. 27). Segundo Claval (2002), neste período havia a inserção de três domínios, que são:

a) das relações homem/meio ambiente, através do estudo do meio humanizado, da paisagem, das técnicas e das densidades; b) das relações sociais, a partir do estudo das instituições, da comunicação e da difusão das ideias e das técnicas; c) da organização regional e do papel dos lugares. (CLAVAL, 2002, p. 19).

Esses aspectos evidenciam perspectivas culturais fundamentais para os estudos geográficos. Como aponta Zanatta (2008):

Não se tratava mais de estudar a diversidade cultural com base nos seus conteúdos materiais, mas de admitir que a cultura está intimamente ligada ao sistema de representações, de significados, de valores que criam uma identidade que se manifesta mediante construções compartilhadas socialmente e expressas espacialmente, ou seja, de admitir que a cultura no seu sentido antropológico mais amplo representa todo o modo de vida de uma sociedade, o que não inclui somente a produção de objetos materiais, mas um sistema cultural (valores morais, éticos, hábitos e significados expressos nas práticas sociais), um sistema simbólico (mitos e ritos unificadores) e um sistema imaginário, que serve de liame aos dois últimos, constituindo-se no locus da construção da identidade espacial de um grupo. (ZANATTA, 2008, p. 06).

O segundo polo, o da renovação, que ocorreu durante 1970-80, se tem uma reinterpretação da cultura. A cultura começa a ser observada para além do aspecto material, sendo reconhecida enquanto uma leitura social (ANTUNES, 2018). Desse modo, cabe ressaltar que houve um processo de interdisciplinaridade entre as áreas da ciências humanas, fazendo com que a geografia deixasse de ser uma das poucas ciências a investigar a conceituação de cultura, que, na época, era apresentada como “uma leitura possível dentre outras (geomorfológica, econômica, social, por exemplo), mas sem caráter explicativo quando desvinculada da base” (ANTUNES, 2018, p. 27).

Este processo fez com que ciências como a antropologia pudessem contribuir com o desenvolvimento das pesquisas sobre cultura, apresentando uma ampliação da sua conceitualização, mostrando as múltiplas interpretações que a cultura pode ter sendo objeto de estudo em diversas áreas. De forma geral, a geografia cultural se tornou um pilar para o estudo dos fenômenos de uma organização social. Desse modo, é possível observar seus desdobramentos no contexto escolar, por meio da relação sujeito e cultura, o que permite o trabalho pedagógico por meio de diversos dispositivos de ensino-aprendizagem. À vista do que foi apresentado até aqui, é cabível observar que a relação da cultura com o sujeito está

enraizada e se manifesta em diferentes locais e modos, sendo um deles a escola.

3.1. A RELAÇÃO SUJEITO E CULTURA NO AMBIENTE ESCOLAR

A partir dos teóricos Lev Vygotsky e Paulo Freire é possível compreender o elo entre escola e cultura. Vygotsky (1896-1934), foi um psicólogo russo que levou em conta as vivências dos indivíduos ao escrever suas obras (REGO, 1995). A maioria de seus interesses estava centrada na cultura, na construção de significados individuais, na interação intra e interpessoal, e no papel ativo e interativo do sujeito na aquisição de conhecimento por meio de símbolos e relações. De acordo com Vygotsky *apud* Teresa Cristina Rego (1995, p. 42-43),

[...] a relação do homem com o mundo não é uma relação direta, pois é mediada por meios, que se constituem nas "ferramentas auxiliares" da atividade humana. A capacidade de criar essas "ferramentas" é exclusiva da espécie humana. O pressuposto da mediação é fundamental na perspectiva sócio-histórica justamente porque é através dos instrumentos e signos que os processos de funcionamento psicológico são fornecidos pela cultura [...]. (REGO, 1995, p. 42-43).

Assim, dentro das principais concepções das obras de Vygotsky o que mais se caracteriza é a sua compreensão de que o conhecimento é um produto social a partir da atividade humana, sendo a própria cultura, concebendo a aprendizagem como antecedente do desenvolvimento. Neste cenário, o ser humano passa a ser um agente interativo na criação de seu contexto cultural, na medida em que também é por este constituído. Assim, a cultura torna-se parte da natureza humana, e passa a evoluir a partir das interações que vão sendo estabelecidas entre os sujeitos participantes (GEHLEN, S. T., *et al.*, 2008).

Seguindo a linha de raciocínio de Vygotsky, a teoria de Paulo Freire (1921-1997) *apud* Gehlen, S. T., *et al.* (2008, p. 28), irá de encontro à relação sujeito e cultura, ao propor um processo educacional vinculado à vivência dos sujeitos, seus contextos, seus problemas, suas angústias e, acima de tudo, às contradições presentes no “mundo vivido”. Ele acreditava que o papel da escola era de questionar a realidade das relações do ser humano com a natureza e com seus semelhantes - visando a transformação. Desta forma, segundo Freire, “educar-se é impregnar de sentido cada ato do cotidiano”¹, isto é, só se aprende algo que se demonstra significativo.

Ao problematizar busca-se trazer o “saber da experiência” dos estudantes, não como algo a ser desprezado ou ignorado, mas como ponto de partida, uma vez que é a compreensão do mundo em que vivem os estudantes que necessita ser considerado no início do processo de alfabetização. Dessa

¹ Citação de Moacir Gadotti no programa de rádio "Paulo Freire, andarilho da utopia", de 1998, quando é abordado aspectos relacionados à educação e pensamentos de Paulo Freire.

forma, ao valorizarmos seus conhecimentos estamos trazendo para a escola muito mais do que temas a serem estudados, mas também aspectos histórico-culturais, políticos e ambientais do educando e da comunidade escolar. Desconsiderar esses aspectos é voltar-se para uma escola desvinculada da realidade, vazia de significado. (GEHLEN, S. T., *et al.*, 2008, p. 287-288).

Por fim, os pressupostos de aprendizagem irão se dar a partir da ideia de que aprender é um ato de conhecimento da realidade concreta, da situação vivida pelo aluno, educação problematizadora. A partir desta síntese da teoria e história desses dois renomados pensadores, torna-se viável examinar a relevância da cultura, notando como ela se manifesta através dos conhecimentos oriundos das experiências. Isso adquire um papel crucial na formação do indivíduo, destacando a contribuição da escola nos desdobramentos desse processo.

É na escola que o espaço sócio-cultural se revela como um ambiente propício para compreender que sentido de cultura é disputado por diferentes grupos e interesses, pois é onde se reúnem os sujeitos que fazem dela um lugar especial, sendo esses discentes, docentes e todo o grupo de funcionários que inclui e compõem este espaço para organização e gerência do mesmo. Ao considerar que o público-alvo desta instituição é predominantemente composto por crianças e adolescentes, torna-se necessário incorporar, no processo formativo desses indivíduos, a compreensão de suas origens. Nesse contexto, é possível analisar a singularidade de cada um, uma vez que trazem consigo uma bagagem socialmente herdada, inicialmente proveniente dos laços familiares e, posteriormente, difundida no ambiente escolar, sendo socializada entre colegas e permeando todo esse meio.

Além disso, de acordo com a teoria de Bourdieu (1930-2002) *apud* Nogueira e Nogueira (2002, p. 20-21), existem diferentes tipos de capitais, sendo eles, econômico, social e cultural que vão ecoar na vida escolar de cada indivíduo, desde o âmbito de aprendizagem, que está relacionado ao sucesso escolar, até a socialização. O último, o cultural, em conjunto com a bagagem familiar, causa mais impacto na vida escolar. Esse conjunto de haveres determinará que alguns indivíduos, devido a sociedade estratificada presente no sistema capitalista, possuem certo favorecimento no decorrer do processo de ensino-aprendizagem (NOGUEIRA E NOGUEIRA, 2002).

[...] A educação escolar, no caso das crianças oriundas de meios culturalmente favorecidos, seria uma espécie de continuação da educação familiar, enquanto para as outras crianças significaria algo estranho, distante, ou mesmo ameaçador. A posse de capital cultural favoreceria o êxito escolar, em segundo lugar, porque propiciaria um melhor desempenho nos processos formais e informais de avaliação. Bourdieu observa que a avaliação escolar vai muito além de uma simples verificação de aprendizagem, incluindo um

verdadeiro julgamento cultural e até mesmo moral dos alunos. Cobra-se que os alunos tenham um estilo elegante de falar, de escrever e até mesmo de se comportar; que sejam intelectualmente curiosos, interessados e disciplinados; que saibam cumprir adequadamente as regras da "boa educação". Essas exigências só podem ser plenamente atendidas por quem foi previamente (na família) socializado nesses mesmos valores. (NOGUEIRA E NOGUEIRA, 2002, p. 21).

Destaca-se o caráter desigual presente na cultura escolar que apesar de arbitrária e socialmente vinculada a uma classe, a mesma precisaria, para ser legitimada, ser apresentada como uma cultura neutra (NOGUEIRA E NOGUEIRA, 2002), podendo ser conquistada pela equidade formal. Dentro desta perspectiva, Bourdieu *apud* Nogueira e Nogueira (2002, p. 29-30) acreditava que a comunicação pedagógica - o ensino -, continuaria reproduzindo desigualdades sociais caso não tivesse transformação na forma em que o conteúdo seria apresentado.

[...] O argumento do autor é o de que a comunicação pedagógica, assim como qualquer comunicação cultural, exige, para a sua plena compreensão e aproveitamento, que os receptores dominem o código utilizado na produção dessa comunicação. Dito de outra forma, a rentabilidade de uma relação de comunicação pedagógica, ou seja, o grau em que ela é compreendida e assimilada pelos alunos, dependeria do grau em que os alunos dominam o código necessário à decifração dessa comunicação. Para Bourdieu, esse domínio variaria de acordo com a maior ou menor distância existente entre o arbitrário cultural apresentado pela escola como cultura legítima e a cultura familiar de origem dos alunos. Para os alunos das classes dominantes, a cultura escolar seria a sua própria cultura, reelaborada e sistematizada. Para os demais, seria uma cultura "estrangeira". (NOGUEIRA C. E NOGUEIRA M. A., 2002, p. 29 - 30).

Entretanto, nessa teoria não é levado em consideração a diversidade interna do sistema de ensino que apresenta diferentes docentes com variados princípios pedagógicos e culturais, conseguindo assim uma aproximação entre a cultura escolar e a cultura de origem dos alunos e, a partir disto, organizando o ensino por meio dos conhecimentos anteriores trazidos pelos discentes, respeitando e valorizando os modos de fala e as tradições de cada grupo social, podendo, no mínimo, adiar o processo de eliminação ou auto-eliminação (desistência) dos estudantes (NOGUEIRA E NOGUEIRA, 2002). Diante desse ponto, é necessário pensar em uma forma de abordar a cultura, por meio de uma linguagem que possa alcançar a compreensão de todos os indivíduos, levando em consideração suas características individuais. Um exemplo de recurso seria o uso da linguagem audiovisual, que, por meio de novas tecnologias, consegue estar presente na casa da maioria das pessoas por intermédio dos filmes.

4. AS NOVAS TECNOLOGIAS E AS DIFERENTES LINGUAGENS NO ENSINO DE GEOGRAFIA

As novas tecnologias podem ser compreendidas como produtos culturais materiais, desempenhando um papel significativo no ambiente escolar ao serem associadas às demandas educacionais. Segundo Maria Aparecida Baccega:

Sabemos que a tecnologia está na escola. Não exatamente na forma de aparelhos sofisticados (ainda são tão poucas as que os possuem, disponíveis para todos) mas sim na cultura dos alunos que nela estão. Eles são resultado desse mundo pleno de tecnologias, dessa nova cultura, independentemente do nível socioeconômico a que pertencem. Por isso, no campo da educação, o desafio maior tem sido a busca da incorporação dessa tecnologia na dimensão sócio-cultural. (BACCEGA., 2005, p. 10).

Com o avanço da globalização e, como resultado, o surgimento de novas tecnologias, como televisão, computador e internet, capazes de disseminar conteúdos de diversas partes do mundo, torna-se essencial incorporá-las ao ambiente escolar como ferramentas de suporte ao processo de ensino-aprendizagem. Essas inovações proporcionam uma ampla gama de possibilidades tanto para os alunos quanto para os professores, promovendo a criação de aulas mais interativas e envolventes. Entretanto, é essencial destacar que o uso dessas tecnologias precisam, no caso do professor, da construção prévia de estratégias metodológicas para aplicabilidade da mesma na sala de aula, além de buscar outros recursos e materiais didáticos para subsidiar a produção do conhecimento, tendo em vista que esse recurso é de inegável importância quando se trata de suporte nas aulas, esclarecendo-se que este não deve ser usado como única fonte de informação.

Diante do exposto, com essas novas tecnologias, é necessário o aprendizado e a decodificação das linguagens e códigos que a mesma traz consigo, além da nova gama de informações presentes. Assim, cabe ao professor, analisar e refinar tais conhecimentos para torná-los acessíveis aos alunos.

[...] A escola, nesse contexto, cumpre papel importante do apropriar-se das várias modalidades de linguagens como instrumentos de comunicação, promovendo um processo de decodificação, análise e interpretação das informações e desenvolvendo a capacidade do aluno de assimilar as mudanças tecnológicas que, em outros aspectos, implicam também novas formas de aprender. (PONTUSCHKA, N. N.; PAGABELLI, T. L.; CACETE, N. H., 2009, p. 261 - 262).

Nesse contexto, a linguagem audiovisual se manifesta por meio da projeção de filmes, documentários, curtas-metragens, entre outros, representando uma ferramenta incrivelmente enriquecedora no ensino de Geografia seja no âmbito social e escolar. Assim, torna-se essencial ponderar sobre essa linguagem no ensino da disciplina, lembrando que um filme é

composto por diversas linguagens integradas na formação de um todo coeso. Trata-se, portanto, de uma produção cultural significativa para o desenvolvimento intelectual das pessoas, uma vez que suscita questões cognitivas, artísticas e afetivas de grande relevância (PONTUSCHKA, N. N.; PAGABELLI, T. L.; CACETE, N. H., 2009).

Neste sentido, o uso da linguagem audiovisual visa democratizar o acesso ao conhecimento, proporcionando uma compreensão do diferente e/ou uma proximidade com o cotidiano dos alunos. É por meio dessa colaboração, onde a linguagem media a interação do indivíduo com o outro e com a cultura, que o conhecimento é construído. As escolas e instituições de ensino desempenham um papel crucial ao proporcionar experiências como essa. Portanto, o cinema deve ser percebido como algo além da "sétima arte" (ARBO, 2019).

A partir da afirmação anterior, torna-se evidente que, em muitos momentos, as obras cinematográficas são percebidas meramente como formas de entretenimento, funcionando como instrumentos que ajudam muitos espectadores a escaparem da realidade durante seu tempo de lazer. Contudo, é importante ressaltar que essas obras também desempenham um papel cultural significativo. Elas se fundamentam na expressão cultural da sociedade contemporânea, oferecendo não apenas diversas perspectivas sobre como representar a diversidade ou reproduzir realidades, mas também atuando como instrumentos críticos e transformadores do meio social em que vivemos. O cinema, enquanto linguagem artística, desempenha um papel crucial na prática dos professores de Geografia, sendo indispensável para a formação crítica do ser humano. Neste contexto, na seção seguinte, abordaremos alguns tópicos para discussão sobre o cinema como dispositivo didático no ensino de Geografia e sua aplicabilidade.

5. CINEMA E CONHECIMENTO GEOGRÁFICO E EDUCACIONAL

A geografia é um componente curricular que em seu todo consegue englobar conteúdos de diferentes categorias de análise, podendo assim oportunizar a construção de diversos saberes. Como afirmaria Name (2008) "... se a geografia está em toda parte, o cinema também está..." (NAME, 2008, p. 250). Essa ubiquidade evidencia o quão o cinema pode amparar o professor de geografia dentro da sala de aula, tendo em vista a vantagem de permitir usar várias formas de linguagem pelas outras artes, conseguindo, desta maneira, se comunicar com profundidade e envolvimento (CAMPOS, 2006).

Isto posto, ainda que existam certas limitações para o ensino geográfico tendo como recurso didático o cinema, tais como: baixa carga horária do componente curricular, a estrutura das escolas sem muitos recursos, além do desestímulo do próprio professor (SILVA,

2013), é necessário considerar este recurso, tendo em vista a riqueza crítica que vem acompanhada do mesmo.

[...] o cinema, enquanto dispositivo de ensino e aprendizagem, proporciona ao aluno e ao professor sensações diferentes ao utilizar essa linguagem na sala de aula, pois se apresenta como algo novo no ensino, sobretudo para os discentes porque muitos professores costumam utilizar dispositivos didáticos tradicionais, sobretudo o quadro, o pincel e o livro didático nas aulas, desconsiderando as potencialidades de outras linguagens, como a música, a charge, as histórias em quadrinho, as tiras, as fotografias, os infográficos, o cinema, dentre outras, para ensinar e aprender diferentes conteúdos curriculares. (CAMPOS A. S.; SOUSA J. L. V.; GARCEZ P. OLIVEIRA S. S., 2018, p. 4).

Ao abordarmos o cinema como recurso didático, nos deparamos com o desafio de adequar a duração dos filmes ao tempo disponível nas aulas da disciplina. Surge, assim, a problemática do curto período de tempo das aulas, que exige a utilização de várias sessões e, por conseguinte, resulta em atraso no conteúdo programático. Conforme apontado por Campos (2006, p. 2), "não parece muito correto utilizar duas ou três aulas, em dias diferentes, para passar um filme e somente discuti-lo na outra semana". Diante desse obstáculo, uma solução viável é a adoção de documentários e curtas-metragens, devido à sua menor duração, permitindo discussões dentro do período de aula da disciplina. No entanto, caso o professor opte por exibir um filme mais extenso, é recomendável considerar a classe social dos alunos, sugerindo que assistam ao filme em casa ou promovendo ações dos Grêmios para exibi-lo fora do horário escolar (CAMPOS, 2006, p. 2). Além dessa consideração prática, é importante destacar a relevância de escolher filmes nacionais, a fim de valorizar a cultura presente no Brasil e, por conseguinte, no cotidiano dos alunos e do professor.

Diante da restrição de tempo enfrentada pelos professores, uma solução para otimizar esse recurso é a implementação da Lei 13.006, originada do Projeto de Lei (PL 185/08) proposto por Cristovam Buarque. Essa legislação torna obrigatória a exibição de filmes de produção nacional como componente curricular complementar, integrado à proposta pedagógica da escola, com uma exibição mínima de duas horas mensais (FRESQUET E MIGLIARI, 2015). A compreensão dessa lei é crucial, pois promove o uso de obras cinematográficas brasileiras, no qual inúmeras temáticas podem ser abordadas e debatidas em sala de aula, para a explicação de eventos e conceitos geográficos, tais como: racismo, análise e evolução da paisagem, globalização, entre outros. Além disso, pode ajudar no desenvolvimento do senso crítico dos alunos.

Deste modo, por meio dos avanços tecnológicos e instrumentos legislativos, o cinema, como recurso didático, pode transcender a abordagem educacional tradicional nas escolas ao

oferecer diversas ferramentas e perspectivas para o ensino da geografia, que vai muito além da simples transmissão do conhecimento teórico das disciplinas curriculares. A educação geográfica proporcionada pelo cinema não se limita à memorização de conteúdos; pelo contrário, estimula o aprofundamento dos temas. É um ensino vibrante, cheio de vida e paixão, que tenta ir além de uma abordagem cultural superficial, fugindo da mera deposição de informações.

À vista disso, enquanto educadores, independentemente da área de atuação, é necessário evitar que o processo de ensino-aprendizagem seja tão vazio, pensando assim em novas possibilidades de desenvolvimento da prática pedagógica, tendo como função utilizar recursos voltados para o audiovisual. Assim, promovendo a criação construtiva em diferentes áreas voltadas nas experiências escolares dos alunos, visto que isto adere a possibilidade do desenvolvimento de atividades e novas vivências.

6. A RELAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA EM CONTRAPOSTO AOS CONTEÚDOS COM AS LINGUAGENS E A MEDIAÇÃO DO PROFESSOR

Todo conteúdo apresentado em sala de aula deve ser elaborado pelo professor com antecedência utilizando-se uma estratégia de aprendizagem que colabore com apresentação e aprofundamento da temática que irá ser trabalhada com os alunos. Uma dessas estratégias pode ser a adoção da sequência didática. A sequência didática é vista nas licenciaturas como uma estratégia educacional que procura ajudar os alunos a ter uma clareza maior sobre o tema apresentado em aula. Para Machado (2013) a elaboração da sequência didática é necessária pois expressa a necessidade de organizar as aulas previamente, ou seja, de elaborar o planejamento do processo de ensino e aprendizagem. Isso se destaca especialmente na capacidade de integrar dois tipos de conhecimento, o espontâneo e o científico.

Portanto, a sequência didática deve ser elaborada de maneira a valorizar o conhecimento espontâneo do aluno, estabelecendo uma correlação com aquilo que denominamos como a bagagem socialmente herdada, conforme descrito por Bourdieu. Este conhecimento tem como características as tradições, valores, emoções e juízos pessoais. É um conhecimento particular, extraído da realidade através de experiências pessoais de cada indivíduo. Deste modo, elucida que “levantar estes saberes significa verificar, basicamente, quais são os seus conhecimentos prévios sobre o tema em foco” (MACHADO, 2013, p. 34).

Em contraposto ao que foi exposto anteriormente, o conhecimento científico é composto por informações que foram sistematicamente comprovadas, pois é construído de forma racional e ordenada, logo, é o conhecimento baseado em fatos.

Os conhecimentos científicos são aqueles provenientes do meio acadêmico, geralmente expressos em livros e revistas especializadas, artigos científicos, propostas curriculares, dentre outros meios de divulgação. Estes saberes também estão presentes nos livros didáticos e paradidáticos, referências que, comumente, orientam e subsidiam diretamente o planejamento das aulas pelo professor. Isto porque, nestes dois suportes, encontram-se os conteúdos do conhecimento e seus respectivos saberes a ensinar de alguma forma já adaptados para o uso do docente e do aluno em sala de aula. (MACHADO, 2013, p. 34).

Isso evidencia que os conceitos científicos possibilitam realizações que não poderiam ser efetivadas pelo conceito espontâneo e vice-versa; ou seja,

Os conceitos espontâneos, que estão diretamente ligados aos objetos concretos do mundo, formam uma base para os conceitos científicos que, quando dominados pelo estudante, iniciam um processo de transformação daqueles, levando-os para níveis de compreensão muito mais elevados. (SCHROEDER, 2013, p. 312).

Para elaborar uma sequência didática que possa abarcar esses conhecimentos se torna significativo que essa estratégia seja estruturada a partir de uma lógica sequencial que terá início através da sensibilização, momento em que os alunos possuem oportunidade de apresentarem seus conhecimentos prévios acerca do tema trazido pelo professor; sendo seguido pela contextualização, onde são apresentadas as habilidades esperadas dos alunos e a fundamentação teórica e científica do tema, sempre conectado com o conhecimento prévio dos estudantes e contextualizando-o, preferencialmente com base na realidade local; e, por fim, sugere-se uma atividade que apresenta uma situação-problema, oferecendo materiais de apoio, como mapas, charges, gráficos, entre outros, para a orientação da resolução da tarefa pelos alunos.

O papel do professor se mostra significativo em ambas as partes, tanto na elaboração da sequência didática, quanto na valorização do conhecimento espontâneo por meio da mesma, para que cada aluno possa analisar, filtrar, selecionar e usar informações, estabelecendo novas conexões entre saberes e, através disso, promover a formação do indivíduo. Em vista disso, o professor irá se apresentar como o mediador do processo de ensino. De acordo com Cavalcanti

[...] o aluno é o sujeito ativo de seu processo de formação e de desenvolvimento intelectual, afetivo e social; o professor tem o papel de mediador do processo de formação do aluno; a mediação própria do trabalho do professor é a de favorecer/propiciar a inter-relação (encontro/confronto) entre sujeito (aluno) e o objeto de seu conhecimento (conteúdo escolar); nessa mediação, o saber do aluno é uma dimensão importante do seu processo de conhecimento (processo de ensino-aprendizagem). (CAVALCANTI, 2005, p. 198 - 199).

Assim, demonstra-se que a cooperação entre essas duas ferramentas se mostra mais eficaz para o docente, pois auxilia na valorização das diferentes etapas do ensino e aprendizagem, permitindo a análise da evolução, do desempenho e das modificações do educando, consolidando a construção do conhecimento científico. Desta forma, ao incorporar a linguagem audiovisual na sequência didática, proporciona-se clareza ao conteúdo apresentado, além de enriquecer culturalmente as experiências dos discentes.

Segundo Campos:

O filme deve ser inserido naquilo que se pretende trabalhar, em um processo de buscas de interpretações com base em referências como o saber escolar e o saber do mundo. Estabelecer mediações sobre as relações entre o encenado e a vida cotidiana, entre a fantasia e a realidade, entre o que é revelado e o ocultado, e entre o observado e o observador... (de CAMPOS, 2006, p. 3).

Deste modo, o professor, enquanto mediador, deve ter atenção em analisar alguns aspectos ao utilizar filmes enquanto recurso didático, tais como: evitar que ocorra a banalização de determinada temática, levantar questionamentos acerca do conteúdo geográfico que está sendo trabalhado, elaborar uma contextualização breve, podendo utilizar-se de outros aportes didáticos - mapas e textos - e, na escolha do filme, o mesmo deve estar associada às necessidades e objetivos da turma. Para além, também urge a necessidade de elucidar que “não é o filme um substituto de professores e nem o seu uso pode ser aleatório. É algo importante como um recurso para a aprendizagem e, por isto, deve-se sempre refletir sobre a sua utilização” (CAMPOS, 2006, p. 2).

A partir deste ponto, a pesquisa direciona-se para a apresentação de sugestões e procedimentos relacionados à elaboração de uma sequência didática com foco na análise do filme *"Medida Provisória"* (2020), dirigido por Lázaro Ramos.

6.1. ELABORAÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM ENFOQUE NA ANÁLISE DO FILME “MEDIDA PROVISÓRIA” (2020)

Enquanto professor, é importante assistir ao filme antes de reproduzi-lo para os alunos, para que se possa fazer reflexões e anotações de possíveis tópicos a serem trabalhados ao longo da aula. Como discorre Silva (2013) é preciso analisar os seguintes aspectos:

- [...] a) Se o filme apresenta um conteúdo pedagógico adequado para cada nível de aluno;
 - b) Se tem a relação com algum conteúdo pedagógico da turma;
 - c) Se contém cenas que agrida os valores éticos, morais, culturais e religiosos deles;
 - d) Ter um conhecimento prévio sobre a temática abordada na obra sobre os concertos e valores mobilizados e analisar a qualidade do material fílmico.
- (da SILVA, 2013, p. 33).

Após essa análise parcial, o professor poderá começar a elaborar sua sequência didática esclarecendo o objetivo que pretende atingir ao utilizar o filme escolhido. Neste caso, propusemos trabalhar com o filme *Medida Provisória* (2020). Na disciplina de geografia, tal filme apresenta a temática acerca da diversidade racial brasileira, a qual deve ser abordada e analisada a conexão com os cenários político e social do país, logo, trazendo debates atuais, podendo ser associados às vivências dos alunos.

Fazendo referência à peça teatral *Namíbia, Não!* (2011), de Aldri Anunciação, segundo Lázaro Ramos, diretor do filme, o enredo se daria da seguinte maneira:

Se passa em um Brasil do futuro próximo, em que um advogado pede indenização ao Estado brasileiro pelo tempo de escravidão. Esse pedido parece justo ao Estado, até que, ao fazer as contas de todos que teriam tal direito – que nesse futuro distópico, são chamados de “cidadãos de melanina acentuada” -, o governo entende que o país iria à falência. Invertendo a narrativa, querendo parecer que traz uma boa sugestão, o governo propõe que, já que os cidadãos de melanina acentuada descendentes de africanos escravizados reclamam da viagem forçada até o Brasil, a melhor reparação social seria... mandá-los de volta à África!. (RAMOS, 2022, p. 9).

Dada a relevância de tal obra, tanto do ponto de vista político quanto cultural, deve-se ter certa sensibilização ao decorrer da apresentação e execução da exibição do filme. Posto isto, o contato inicial dos alunos com o filme tem que se dar por meio de uma análise de características gerais, tais como: capa, ano de lançamento, contexto em que foi produzido, entre outros, além de apresentar uma breve contextualização do tema que será tratado justificando, assim, a escolha do professor. Ainda de acordo com Silva (2013) “durante a exibição, o professor deve ficar dentro da sala de aula atento às reações da turma e pode fazer pequenas pausas para breves comentários sobre o assunto em discussão (SILVA, 2013, p. 34), mostrando que tal recurso não deve ser meramente ilustrativo e banalizado.

No final do planejamento, consta o tópico de debate e reflexão, ou seja, a execução de um produto final. Após a exibição do filme, o professor pode indagar os educandos sobre suas percepções e reflexões a respeito da obra, especialmente, a correlação entre a mesma com o conteúdo apresentado previamente. Ademais, o uso de questões orais pode ser um recurso interessante de ser utilizado, como exemplo:

- a) Qual o tema do filme? O que os realizadores do filme tentaram nos contar? Eles conseguiram passar a sua mensagem? Justifique sua resposta.
- b) Você aprendeu alguma coisa com este filme? O que?
- c) Todos os eventos retratados no filme são verdadeiros? Descreva as cenas que você achou que mais se assemelham com a realidade. Quais cenas parecem ser menos realistas? Por que?
- d) Qual é a síntese da história contada no filme?. (SILVA, 2013, p. 34).

O uso deste pequeno questionário pode orientar na concretização do produto final, abrangendo também uma atividade prática, como a elaboração de cartazes, resenhas, etc. Conforme Silva (2013) essa atividade deverá conter elementos em que “os alunos associam os fatos do filme com o conteúdo pedagógico assim como também com suas vidas” (SILVA, 2013, p. 35).

Por fim, destaca-se a escolha do filme *Medida Provisória* (2020), para o debate sobre representatividade negra na sociedade contemporânea. A crescente importância deste tema visa promover igualdade, respeito e valorização da diversidade racial em todos os aspectos da vida. Além de impactar positivamente na autoestima, identidade e auto aceitação, a representatividade negra desempenha um papel crucial ao fomentar a inclusão e a igualdade. Ao abordar o tema do racismo e suas diversas manifestações em sala de aula, utiliza-se o filme como um ato de resistência. Para mais, a caracterização predominante de atores negros em papéis principais, apresentando corpos diversos sem estereótipos, é particularmente notável. Essa abordagem inclusiva também se reflete na direção do filme, proporcionando uma representação autêntica e positiva da comunidade negra, como aponta Balena (2022):

A relevância desse filme vai além da estética e do visual. Claro que é fundamental que pessoas negras estejam inseridas no elenco de filmes, mas a forma em que elas são representadas é ainda mais importante. *Medida Provisória* (2020) vai além de ter atores negros e negras sem que sejam papéis estereotipados e caricatos, por mais que o filme seja classificado como ficção científica, algumas cenas podem ser percebidas na nossa sociedade atual. Além do elenco principal ser majoritariamente de negros, esses personagens ocupam profissões que geralmente são interpretadas por atores brancos. Também estão em cargos que geralmente são interpretados por atores negros como seguranças, garçons, e, principalmente, a violência está análoga aos brancos. (BALENA, 2023, p. 20).

No contexto mencionado, o professor assume uma posição crucial como mediador educacional ao abordar temas como a representatividade negra, carregando consigo a responsabilidade direta de influenciar na vivência e autoestima de seus alunos. Além disso, desempenha um papel fundamental na apreciação do enriquecimento cultural proporcionado pelo cinema nacional e pela riqueza da cultura negra. Ao abordar temas sensíveis, como a representatividade, o educador age como um agente de transformação, impactando positivamente na forma como os alunos percebem a diversidade.

Mais do que contribuir para o reconhecimento da multiplicidade de corpos e identidades, sem recorrer a estereótipos, o professor também irá desempenhar um papel essencial na desconstrução de padrões prejudiciais que permeiam a sociedade. Nesse cenário, a utilização do filme "*Medida Provisória*" (2020) como ferramenta pedagógica proporciona

uma oportunidade única para explorar e desafiar preconceitos. Por meio de discussões em sala de aula, o professor pode estimular a reflexão crítica sobre a representação negra na mídia, ampliando a consciência dos alunos sobre a importância da inclusão e igualdade. Assim, o educador não apenas transmite conhecimento, mas também se torna um agente de mudança, contribuindo ativamente para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa, onde a diversidade é celebrada e respeitada.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na realização deste trabalho, é possível identificar a relevância que a cultura e o cinema possuem no ensino da Geografia, e como ambos podem e devem ser trabalhados em sala de aula. A cultura é composta por elementos que são transmitidos, criados ou adquiridos por meio de processos de transmissão, ensino, aprendizagem e comunicação. É por meio desses processos que o conhecimento dos indivíduos é construído, com base em representações que se fundamentam na percepção do mundo ao seu redor e nas ideias compartilhadas. Na Geografia Cultural, esses processos desempenham um papel fundamental na formação das práticas e conhecimentos, sendo perceptível o impacto na construção da relação entre o sujeito e cultura dentro do ambiente escolar.

Ao idealizar o estudo, houve-se a preocupação de se apresentar uma forma de utilização desse recurso, tentando compreender a efetivação do uso do mesmo, principalmente ao pensar em formas descontraídas, porém produtivas, de se oferecer um entendimento do conhecimento abordado pelos filmes. Pensar na linguagem audiovisual, voltada para a linguagem cinematográfica e imagética, enquanto uma aliada durante o processo evolutivo de crescimento cognitivo, onde os alunos do ensino fundamental e médio se encontram, é levar adiante algo que vai além do ensino tradicional, e que impacta as pessoas de diferentes culturas, idades e classes sociais corroborando assim na democratização do acesso.

Logo, ao analisarmos o todo que compõem um filme, como roteiro, trilha sonora, figurino, locações, não apenas se aproveita melhor as obras, mas também se promove uma educação centrada na linguagem cinematográfica e visual. Isso ajuda no desenvolvimento da capacidade de interpretar os significados implícitos nos filmes, o que será valioso na vida cotidiana dos alunos após a escola. Para além desses aspectos, a linguagem cinematográfica na educação geográfica enriquece a compreensão dos conceitos geográficos, proporciona uma experiência de aprendizado mais envolvente e ajuda os alunos a se tornarem cidadãos geograficamente conscientes e culturalmente informados.

Considerando os pressupostos apresentados, a apreensão em relação ao emprego desse recurso reside na maneira como a escola percebe o uso de filmes, muitas vezes interpretando-os como um substituto para a figura do professor. Os filmes são complementos valiosos à educação, mas não devem substituir os professores, que desempenham papéis essenciais na adaptação ao progresso dos alunos, na interação em tempo real e na facilitação de discussões construtivas. Além disso, eles podem enriquecer o aprendizado, ilustrar conceitos e estimular a reflexão, mas não podem substituir o suporte, a orientação e a experiência dos professores no desenvolvimento integral dos alunos. Assim, é crucial reconhecer os filmes como valiosos recursos educacionais, mas não como substitutos legítimos da presença e do papel fundamental do professor.

Além disso, no cenário mencionado, há o risco de banalização ao empregar esse recurso, devido à dificuldade de integrar determinados filmes em certas temáticas apresentadas em sala de aula. Isso pode resultar em uma abordagem superficial de temas sérios, caso não sejam contextualizados adequadamente. Portanto, cabe ao professor a responsabilidade de introduzir a temática de maneira coesa em sua sequência didática e, posteriormente, em suas aulas, a fim de prevenir tais situações. É essencial considerar que a banalização pode perpetuar preconceitos, estereótipos e discriminação, contribuindo para injustiças sociais e individuais. No contexto delineado, o filme *"Medida Provisória"* (2020) emerge como uma ferramenta educacional eficaz para combater a banalização de preconceitos, especialmente em relação ao racismo. Ao utilizá-lo, o professor tem a oportunidade de fomentar o desenvolvimento do senso crítico dos alunos, promovendo uma compreensão mais profunda e reflexiva sobre questões sociais relevantes.

Para mais, é importante tecer algumas considerações abrangentes sobre o cenário apresentado. A dimensão cultural inerente à utilização de filmes nacionais revela a expressão cultural do povo brasileiro, evidenciando como as vivências dos alunos, manifestadas por meio do conhecimento espontâneo, estão intrinsecamente conectadas aos diversos conteúdos abordados pelo conhecimento científico produzido. Essas inter-relações entre os saberes contribuem para a construção de uma base sólida em relação à identidade do aluno e ao seu papel enquanto sujeito no mundo. Por fim, a escolha e implementação do cinema nacional como ferramenta didática na sala de aula podem ser consideradas pelos professores como um triunfo decolonial. Este uso representativo do cinema nacional não apenas enriquece o processo educacional, mas também, com o tempo, será reconhecido como uma expressão valiosa da riqueza cultural de uma nação.

8. BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, Maryna Vieira Martins. **CONSIDERAÇÕES SOBRE CULTURA, ESPAÇO E GEOGRAFIA RURAL**. In: Colloquium Socialis. ISSN: 2526-7035. 2018. p. 26-31.

ARBO, Carolina de Mello. **Cinema como Prática Social: A Experiência de Jordan Peele**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Publicidade e Propaganda. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação, educação e tecnologia: interação**. Comunicação & Educação, v. 10, n. 1, p. 7-14, 2005.

BALENA, Barbara et al. **Medida Provisória e o Cinema Nacional: uma Nova Possibilidade de Representação**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso.

BENATTI, Camila. **A Geografia Cultural: Das concepções clássicas Às novas tendências e dinâmicas na contemporaneidade**. GEOSABERES: Revista de Estudos Geoeducacionais, v. 7, n. 13, p. 2-11, 2016.

BENJAMIN, W. (1936), “ **A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica**” in Benjamin, Walter (1992) Sobre Arte, Técnica Linguagem e Política, Relógio d' Água, pp. 72-113.

BRAGA, Ana Francisca Mendes. **Diversidade cultural: um estudo da importância das culturas no processo de Ensino aprendizagem no ambiente escolar**. 2021.

CAMPOS, Adalberto De Souza et al.. **Linguagem cinematográfica e ensino de geografia: a experiência do pibid no território do sisal**. Anais VI JOIN / Brasil - Portugal... Campina Grande: Realize Editora, 2019.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia**. Cadernos Cedes, v. 25, p. 185-207, 2005.

CHAVES, Ana Paula Nunes; PREVE, Ana Maria Hoepers. **Sobre Cinema e Geografia na Escola: algumas aproximações de pesquisa.** In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO EM GEOGRAFIA, 14, 2019, Campinas, SP. Anais do XIV ENPEG, Campinas, SP, 2019. p. 2240-2251.

CLAVAL, Paul Charles Christophe. Geografia Cultural: um balanço. **Geografia (Londrina)**, v. 20, n. 3, p. 5-24, set./dez. 2011.

CLAVAL, Paul. “A volta do cultural” na **Geografia. Mercator**, v. 1, n. 1, 2002.

CORRÊA, Roberto Lobato. Sobre a geografia cultural. **Revista Brasileira de Geografia**, p. 113-122, 2009.

CRUZ, D. M. A DESCRIÇÃO GEOGRÁFICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA EXPERIÊNCIA NA FORMAÇÃO CONTINUADA COM PROFESSORES. **Revista de Ensino de Geografia**, v. 9, p. 70-91, 2018.

DE ALMEIDA MOREIRA, Tiago. Geografia e Cinema: uma revisão de literatura. **Revista GeoPantanal**, v. 10, n. 19, p. 131-140, 2015.

DE CAMPOS, Rui Ribeiro. Cinema, geografia e sala de aula. Estudos Geográficos: **Revista Eletrônica de Geografia**, v. 4, n. 1, p. 01-22, 2006.

GARCIA, Elias. Pesquisa bibliográfica versus revisão bibliográfica-uma discussão necessária. **Línguas & Letras**, v. 17, n. 35, 2016.

GEHLEN, Simoni Tormöhlen et al. Freire e Vigotski no contexto da Educação em Ciências: aproximações e distanciamentos. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 10, n. 2, p. 267-282, 2008.

FERNANDES, Marcio Luis. Um outro horizonte em busca da humanização da geografia. **Geograficidade**, v. 4, n. 1, p. 78-87, 2013.

FRESQUET, Adriana (Org.). **Cinema e Educação: A Lei 13.006 – Reflexões, perspectivas e propostas**. Belo Horizonte: Universo Produção, 2015.

HINGST, Bruno. **Cinema, globalização e mercado**. LÍBERO, n. 22, p. 157-158, 2016.

JAMESON, F. “**Notes on Globalization as a Philosophical Issue**” em Jameson F. & Miyoshi M. (eds) (1998). *The Cultures of Globalization*. Durham & London: Duke University Press.

MACHADO, Júlio César Epifânio. **A sequência didática como estratégia para aprendizagem dos processos físicos nas aulas de geografia do ciclo II do ensino fundamental**. 2013. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

MENDES JÚNIOR, Renato César Aragão. **Entendimentos geográficos entre cinema e educação**. 2014.

MEDIDA PROVISÓRIA. Direção: Lázaro Ramos. Produção: **Elo Company**, 2020.

MERLINI, Cristina Lara. São Luiz do Paraitinga: **História, Cultura e Educação**. São Paulo, 2014.

MIRANDA, Carlos et al. **Globalização e diversidade cultural na atividade cinematográfica**. 2015. Dissertação de Mestrado.

NAME, Leonardo. **Por uma geografia pop: personagens geográficos e a contraposição de espaços no cinema**. Tese de Doutorado em Geografia, 293 p. Rio de Janeiro - RJ: Universidade Federal do Rio de Janeiro/Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008.

GADOTTI, Moacir. Programa de rádio “**Paulo Freire, andarilho da utopia**”, parceria entre a Rádio Nederland e o Instituto Paulo Freire, 1998.

GEHLEN, Simoni Tormöhlen et al. **Freire e Vigotski no contexto da Educação em Ciências: aproximações e distanciamentos**. Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências, v.

10, n. 2, p. 267-282, 2008.

MOREIRA, Gilsélia Lemos. Ensino de Geografia Urbana e Cinema: Uma Experiência com o Projeto de Extensão Cine Urbano. In: RANGEL, Maria Cristina (Org.). **O Ensino de Geografia Urbana: Reflexões e Ações Pedagógicas**. Ilhéus: Editus, 2021. p. 79-93.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. **A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições**. Educação & sociedade, v. 23, p. 15-35, 2002.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao Machado; GIRARDI, Gisele. O Cinema como diferença na Linguagem do Ensino de Geografia: uma Cartografia Provisória. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 10, n. 19, p. 45-66, jan./jun. 2020.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e Aprender Geografia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

RAMOS, Lázaro. **Medida Provisória: Diário do Diretor**. 1o edição. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2022.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Editora Vozes Limitada, 1995.

REIS, Erisnaldo Francisco; STROHSCHOEN, Andreia Aparecida Guimarães. Filmes na sala de aula como estratégia pedagógica para aprendizagem ativa. **Revista Educação Pública**. p. 1-5, 2018.

RIBAS, Adriana Ferreira Paes; MOURA, Maria Lucia Seidl de. **Abordagem sociocultural: algumas vertentes e autores**. Psicologia em estudo, v. 11, p. 129-138, 2006.

RODRIGUES, Rejane, SANTANA, Fabio Tadeu e ERTHAL, Leopoldo. **Aprendendo com filmes: o cinema como recurso didático para o ensino da geografia**. Rio de Janeiro: Lamparina. 2012.

RODRIGUES, Tatiane Ferreira. **Cinema-escola: democratização do acesso ao conhecimento e produção cultural**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. 2. reimpr São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. (Coleção Milton Santos; 1).

SCHIER, Raul Alfredo. **Trajetórias do conceito de paisagem na geografia**. Raega-O Espaço Geográfico em Análise, v. 7, 2003.

SCHROEDER, Edson. **Conceitos espontâneos e conceitos científicos: o processo da construção conceitual em Vygotsky**. Atos de pesquisa em educação, v. 2, n. 2, p. 293-318, 2007.

SILVA, Sandilma Serafim da et al. **O cinema como recurso didático e pedagógico no ensino de geografia**. 2013.

SIMÕES, Carla Alexandra Neves; CAMEIRA, Professores Emanuel; MELO, Alexandre. **Globalização e Cinema: STAR WARS v/s Pátio das Cantigas, uma luta desigual** (Artigo). 2016.

ZANATTA, B. A. **A Abordagem Cultural na Geografia**. Temporis (ação)(UEG), v.1, p. 249-262, 2008.